

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**OS DIFERENTES TIPOS DE MEMÓRIA E SUA FUNÇÃO  
NA OBRA *CIDADE LIVRE*, DE JOÃO ALMINO**

Daniela Bombardelli<sup>1</sup> (URI – FW)

**RESUMO**

Neste artigo, analisamos os diferentes tipos de memória presentes na obra de João Almino denominada Cidade Livre, bem como a função que exercem nela, visando realizar um trabalho de pesquisa sobre o cruzamento entre a memória individual e a coletiva, nos personagens do texto. Utilizamos os textos do teórico Maurice Halbwachs como base conceitual, sendo que observamos que a relação entre ambas as memórias dá-se pela ideia de que não há memória sem um quadro de formação coletiva ou social do indivíduo, o que, no texto de João Almino, corresponde a lembranças pessoais de seus personagens: o narrador, seu papai e a tia Francisca.

**Palavras-Chave:** memória individual. memória coletiva. João Almino. Maurice Halbwachs.

**ABSTRACT**

In this article, we analyze the different types of memory that exist in João Almino's Cidade Livre, as well as the function they perform on it, aiming for a methodological research work about the crossroad between the individual memory and the collective one, mainly the characters from the text. We used the texts from the theoretician Maurice Halbwachs as a conceptual basis and we observed that the relation between both the memories happens because there's no memory without a collective and social formation painting of the guy, what, in João Almino's text, corresponds to personal memories of the characters: the narrator, his daddy and aunty Francisca.

**Keywords:** individual memory. collective memory. João Almino. Maurice Halbwachs.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

## **INTRODUÇÃO**

O romance brasileiro de João Almino intitulado Cidade Livre enfoca um cruzamento entre a memória individual e a coletiva. Esse trabalho de memória presente na obra e sua função na narrativa são evidenciados pelo autor. Muitos estudiosos utilizam terminologias para designarem os pressupostos teóricos acerca do cruzamento entre as memórias individual e coletiva, sendo que cada um tem a sua própria. Neste artigo, o teórico a ser considerado é Maurice Halbwachs.

Este artigo visa realizar um estudo sobre a relação entre a memória individual e a coletiva, e a devida importância que ambas exercem no romance citado acima. O texto do artigo é dividido em três seções:

- 1 Cidade Livre, em que há a exposição da narrativa direcionada para cruzamento de memória;
- 2 Memória Individual e Coletiva, na qual realizamos a exposição da base teórica;
- 3 O Cruzamento Entre Ambas As Memórias Em Cidade Livre, em que há a análise do livro com base na exposição da base teórica.

### **1. CIDADE LIVRE**

Benjamin Abdala Junior (2010, p. 12), no Prefácio ao romance Cidade Livre, de João Almino, frisa que, ao lê-lo, o leitor pode “(...) perceber os impactos da construção da nova capital, ao interiorizar o desenvolvimento do país, e também a reação de personalidades do mundo político e cultural que por lá passaram.”

Em Cidade Livre, é bem provável que observamos um clássico, uma vez que se trata de um romance elaborado para que perdure ao tempo, maduro, cujos personagens se mexem em meio ao crescimento da cidade, na qual há bairro semelhante ao “velho oeste”: o Núcleo Bandeirante, conforme salienta Eustáquio Gomes no texto “Um romance com jeito de clássico”, em Literatura, Livros (2010): “feito de tábuas sobre o

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

chão poeirento do Cerrado, onde pulavam candangos, engenheiros, empreiteiros, e cavadores de toda ordem.” E assim surgia a cidade vagarosa e desafiadoramente.

No texto de Cidade Livre, o enredo é baseado nas ações de uma possível família, uma ação simulada da população sem agregação que se encaminhava para, diariamente, a cidade interina, a fim de procurar trabalho nas construções e, talvez, uma maneira de enriquecer facilmente. É nessa cena em que figuram Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, juntamente com Juscelino, o presidente, e com as famosas visitas chamadas Fidel Castro, André Malraux, Foster Dulles e John dos Passos, dentre outros, segundo menciona Eustáquio Gomes (2010).

João Almino escreve seu texto utilizando vocábulos simples, com linguagem original, e com uma contenção que não deixa haver, conforme Eustáquio, “grandiloquência”. Os diálogos, no decorrer do romance, são múltiplos, porém com o objetivo de terminar com a ênfase em excesso. Dessa forma, ocorre verossimilhança em um assunto considerado confuso e complexo.

O narrador da obra de Almino é um garoto que utiliza as recordações de seu pai adotivo para elaborar um apanhado de informações ou situações irreais, ou seja, ficcionais a respeito da construção da capital nacional, historicamente falando. Trata-se, sim, de uma história de pessoas simples, moradores da cidade temporária.

Além das lembranças do pai do garoto, nota-se as do próprio menino, bem como as ideias que obtém através de um blog a respeito do tema, em que há seus leitores participantes, diz Eustáquio Gomes, uma vez que

[...] No núcleo familiar onde cai o foco de luz do romance, sobressaem as duas “tias” do futuro narrador, ambas objetos de sua paixão adolescente, o pai de profissão incerta e vida quixotesca, além de Valdivino, um operário de múltiplos talentos que a cidade estrangula em sua teia de interesses e cuja morte presumida passa a ser um enigma. (GOMES, 2010)

Assim sendo, o narrador chamado João, filho de um empreendedor frustrado – na cidade ainda não inaugurada –, resgata as informações que teriam sido passadas novamente por seu pai, evidenciando o trabalho de memória presente no desenrolar da

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

história do livro de Almino aqui estudado, comenta Marcio Renato dos Santos, em seu texto denominado Quase Perfeito (2010).

O enredo se dá durante sete noites e sete capítulos, destacando o narrador João como fundamental nas vivências da história e de seu resgate de recordações, tanto pessoal ou individual como também coletivo, dentro de sua psicologia, pois desvendou, consoante Marcio, as complacências e os prazeres mundanos vivendo, no passado, na Cidade Livre. Entretanto, nesse enredo, quem se destaca é o pai do narrador, porque sonhando ser um cronista, era empreendedor mal sucedido, que tentou dar-se bem com visitantes e personalidades renomadas, contudo a ousadia revelou-se fracassada.

## **2. MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA**

Maurice Halbwachs categoriza a memória em: memórias individual, coletiva e histórica. Segundo ele, pertencer a um determinado grupo da sociedade constitui recursos por meio dos quais os indivíduos adquirem, retomam e localizam suas lembranças.

O teórico pensa que todo o tipo de recordação existe relacionado a um grupo de ideias professado por várias pessoas, locais, vocábulos, datas, maneiras de linguagens das comunidades da qual fizemos parte, seja de caráter pessoal ou sejam os acontecimentos dos quais somente nós próprios testemunhamos ou pensamos, porém, não expressadamente.

Contudo, para recordarmos alguma coisa, podendo ser uma memória recente ou uma mais distante, é necessário lembrarmos os pensamentos que estão em primeiro lugar no conjunto, importante a ele. Todavia, é importante também haver aspectos concordantes entre as nossas recordações e as do conjunto todo, a fim de que a nossa memória tenha benefício por meio do testemunho de outra pessoa, uma vez que divergentes referenciais dão estruturas à nossa memória, inserindo-a na da coletividade a qual estamos pertencendo. Um exemplo disso são os monumentos históricos das comunidades ou sociedades.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Maurice Halbwachs, além dos pensamentos acima descritos, sublinha que, não havendo nada ou quase nenhuma alteração nos objetos físicos com os quais contactamos no dia a dia, o mundo físico revela uma imagem estável e permanente essencial à preservação da memória social, pois há impressão de estabilidade demonstrada, sendo que as memórias nossas estão arraigadas no interior do espaçamento mental e material de um determinado grupo social.

Dessa forma, Halbwachs não concorda que sejam possíveis duas questões tratadas separadamente, porque o conceito de uma recordação individual separada da social é abstrata: de que maneira ocorre a preservação e o redescobrimto do indivíduo perante suas memórias e de que modo elas são preservadas e redescobertas pela sociedade a qual pertence.

Pertencendo à linha de pensamento durkheimiana, Maurice Halbwachs trata fatos da sociedade como objetos. Esta tradição toma aspectos referenciais como mostradores empíricos da memória coletiva alusiva a uma certa associação de pessoas objetivando a mesma coisa, o que implica na estabilidade mencionada acima, na duração e no contínuo trabalho de memória coletiva, desconsiderando-a enquanto meio de domínio simbólico.

Halbwachs diz que a memória individual não está inteiramente isolada e fechada. “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade“. ( HALBWACHS, 2006, P. 72) Esse tipo de memória é de caráter mais interior, como se fosse uma autobiografia do indivíduo e, em se tratando de literatura, dos personagens da obra ou texto literário a ser estudado.

Por outro lado, a memória coletiva tem as memórias individuais dentro dela. É uma agregação, podemos salientar. Entretanto, não há confusão entre ambas, já que há, sim, uma evolução conforme suas leis. Caso certas recordações individuais invadem-na, modificam a sua aparência a partir do instante em que são trocadas no grupo que não se mostra mais uma pessoal consciência, segundo o autor. (HALBWACHS, 2006, p. 72)

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

As recordações feitas individualmente estão inseridas nas coletivas, de modo que se agregam, portanto.

A partir do pressuposto de que a história de nossas vidas está ligada à história em geral, observamos que a memória histórica refere-se ao espaço exterior, ao ponto de vista social, ao esquemático; também se caracteriza descontinuamente. (HALBWACHS, 2006, p. 72) Pertencemos a um grupo social e, enfim, portador de características relacionadas à história a que esse grupo pertence ou aos fatos a que estão ligados, historicamente.

**3. O CRUZAMENTO ENTRE AMBAS AS MEMÓRIAS EM *CIDADE LIVRE***

Das três categorias de memória classificadas por Maurice Halbwachs em memória individual, coletiva e histórica, o livro *Cidade Livre*, de João Almino, foca na memória histórica, ou seja, é uma história vivida e suas diferenças comparadas à individual e à coletiva, pois seus personagens têm lembranças não tão somente deles próprios e do coletivo, mas inseridas em um contexto histórico.

Dessa maneira, o personagem principal, sendo uma criança, entranha-se nos meios sociais (de sua família, da comunidade e da sociedade à qual pertence), pelos quais contata-se com um passado um pouco distante, “(...) que é como o contexto em que são guardadas suas lembranças mais pessoais”. (HALBWACKS, p. 90) É nesse contexto que a memória será apoiada. No texto denominado *Memória Coletiva e Memória Histórica*, o mencionado autor trata da questão da memória histórica como espaço exterior, como lembranças social, esquemática e descontínua. Outrossim, a lembrança reconstrói o passado através do auxílio de informações emprestadas ao presente, isto é, há a recordação do que já ocorreu mas na pessoa que se é atualmente, influenciando na leitura do passado e dando origem à memória compartilhada.

Não há predominância de memória caso não exista o quadro de formação social: a família e a escola, principalmente; o personagem principal, o pai dele e sua tia Francisca vivem uma lembrança que é uma imagem introduzida em outras imagens,

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

salienta Halbwachs: trata-se de uma imagem ampla, voltada ao passado. “É o pensamento da família ausente que fornece o contexto e a criança não precisa, como diz Blondel, ‘reconstituir o ambiente de sua lembrança’.” (HALBWACKS, p. 46) Sob este ângulo, verifica-se a importância familiar à formação da memória dos personagens em tal romance de Almino.

Na narrativa de Cidade Livre há menção a lugares, a situações e a fatos históricos. As sensações, os sentimentos e as impressões estão presentes e reveladas, por meio de manifestações verbais em um blog criado pelo seu narrador João, no decorrer do texto de Almino.

Na lembrança de uma cidade, o aspecto físico – a paisagem – é marcado pelo desenvolvimento da sua história; na mesma encontramos, talvez, marcas significativas reformulando as paisagens que já não existem mais. Através dela, o dispositivo do tempo atravessa e por ela pode-se ler novamente os caminhos do passado, trazendo à lembrança fatos. É o que podemos ver em Cidade Livre, uma vez que as recordações permanecem presentes na vida do narrador João, de seu pai adotivo e de suas tias, principalmente a Francisca.

Esse cruzamento entre a memória individual e a coletiva no romance de Almino revela a importância que a memória constitui ao se dar significância à cidade, pois no referido romance notamos como a recordação influencia bastante no sentido da construção da cidade nova – Brasília – e como os personagens estão envolvidos com este resgate de memória, por meio de registros, diálogos, relatos, pesquisas, observações, postagens na internet, através de um blog.

Ao abrirmos o livro, nos deparamos com a Introdução: Sete Noites e Um Enterro, na qual observamos de primeira mão o trabalho de memória presente no texto:

Num ponto pensei em me desfazer do que pesquisei e escrevi, deixar minhas lembranças, medos e inquietações para um livro de memórias em que contaria não apenas minha infância na Cidade Livre, a cidade que viera romper o silêncio que por milênios dominara aquele planalto, mas também meu interesse pelo jornalismo, meu encontro com minha atual mulher e o nascimento de meus três filhos, (...) mas não, meu relato manteve misturadas minhas memórias, as de papai,

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

minhas pesquisas e as observações de tia Francisca, (...) (ALMINO, 2010, p. 15)

Também ao longo do texto e dos seus subtítulos: Primeira noite: De A a Z, Segunda noite: De corpo e alma, Terceira noite: Paisagens com cupim, Quarta noite: Lucrécia, Quinta noite: A construção do mistério, Sexta noite: O campo da esperança e Sétima noite: O deserto e o esquecimento, classificados em números ordinários, podemos ver essa ligação entre ambos os tipos de memória, como por exemplo: “(...) até que o encontramos na primeira missa de Brasília, em 3 de maio daquele ano de 1957, um dia que começou com uma discussão entre papai e tia Francisca sobre a ressurreição de Cristo”. (Almino, 2010, p. 106) Este trecho, que fala sobre a lembrança do protagonista de que havia encontrado Valdivino, remete à memória individual do protagonista e, mais adiante, verificamos a memória coletiva:

Papai se lembrava dos bares, das bebedeiras e da zona de boêmia, de jogo e prostituição – a chamada Placa da Mercedes –, responsáveis por tornar Brasília “uma cidade licenciosa e imoral”, como viria a afirmar o jornal O Globo, em 16 de junho de 1958. (Almino, 2010, p. 111)

Quanto à memória individual, ainda, ressaltamos este início de outro parágrafo do texto: “Meus ouvidos de criança estavam atentos às histórias desse mercado sexual, e me lembro que, quando saiu o censo de julho de 1957, papai se queixou de que, para cada três homens, havia apenas duas mulheres na Cidade Livre, (...)” (ALMINO, 2010, p. 112), referindo-se à escassez do sexo feminino naquela cidade em construção.

Dessa forma, vários trechos do texto são apontados e analisados sob a o aspecto do trabalho da memória e seus distintos modelos, juntamente com a função que exercem nele.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

## CONCLUSÕES

Como diz José Castello: “A Brasília de Almino não é só uma cidade moderna, mas uma metáfora do mundo moderno.” É uma cidade a qual foi retratada muito bem pelo escritor de modo inovador, autêntico e, ao mesmo tempo, histórico e memorável.

Ao finalizarmos este artigo científico embasado conceitualmente na teoria de Maurice Halbwachs, concluímos que o romance de João Almino intitulado Cidade livre é permeado de trechos relevantes com vínculo com a memória individual e a coletiva ou social, além de haver o entrecruzamento com a histórica. Os personagens principais: o protagonista, seu pai e tia Francisca, no transcorrer do texto de Cidade Livre, várias vezes fazem retomadas às vivências que tiveram na cidade nova, como chamavam, aos acontecimentos históricos da época, às datas históricas relevantes às suas vidas, enfim aos fatos presenciados no meio em que estavam no tempo e espaço da obra.

O narrador João, seu pai adotivo e sua tia Francisca, relembram fatos e acontecimentos vivenciados enquanto ocorria a construção de Brasília, presenciando acontecimentos históricos relativamente importantes ao tempo, convivendo direta ou indiretamente com pessoas ilustres do meio político e cultural do contexto histórico em que estavam inseridos.

Portanto, concluímos que entre as memórias individual e coletiva há um cruzamento, evidenciado na obra estudada aqui neste artigo. Esse cruzamento leva-nos a ter a compreensão de que a memória é relativamente necessária ao sentido da cidade, como saliente Teresa Neumann de Sousa Christensen (2007) ao relatar que pela elaboração da memória e das identidades individuais e coletivas é que se revelam à humana experiência temporal, através da oralidade.

Maurice Halbwachs enfatiza que, por meio da realização de um estudo sistemático e contínuo a respeito da forma como a lembrança é sociologicamente elaborada, quando objetivamos responder a uma questão que outros indivíduos nos fazem ou que imaginamos, visualizamos a nós mesmos como parte do grupo ou dos grupos a que a pessoa que nos questionou e nós próprios pertencemos, uma vez que

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

mesmo estando inseridos no espaço mental provido pelo grupo, nossas memórias sempre estão atreladas ao espaço material que um certo conjunto de pessoas ocupa e que a semelhança ou o progresso que tornam uma memória acessível não é o fator primordial, porém o mais importante trata-se do pertencer a um grupo de interesses e pensamentos comuns.

### **Referências**

ALMINO, João. Cidade Livre. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. Horizontina – História e Memória. Graficasa – Gráfica e Editora Ltda. 2007.

HALBWACKS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Histórica. In: A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006, p. 71-111.

\_\_\_\_\_. Memória Individual e Memória Coletiva. In: A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006, 224 p.

<<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/quase-perfeito/>>

<<http://www.amalgama.blog.br/06/2010/romance-classico/>>

<<http://www.joaoalmino.com/joao-almino/>>

<<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>>

---

<sup>i</sup> (Graduada em Letras – Inglês e Mestranda em Letras – Literatura Comparada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus Frederico Westphalen, URI – FW, Brasil)  
E-mail: danielabombardelli@hotmail.com